



## **Migração Por Concurso Público e Processo Adaptativo de Profissionais da Saúde: Um Estudo-intervenção no Hospital Universitário de Sergipe<sup>1</sup>**

Letícia Santana Santos<sup>2</sup>  
Marley Rosana Melo de Araújo<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **Resumo**

A necessidade de que as pessoas mudem da sua cidade de origem em busca de trabalho é uma das razões que ocasionam a migração, fenômeno dinâmico, complexo e cada vez mais atual, o qual vem acompanhado de consequências para os sujeitos que migram. Diante de demanda institucional por suporte psicossocial para funcionários do Hospital Universitário de Sergipe, este trabalho objetivou, por meio de um grupo de apoio psicossocial, estimular as estratégias de enfrentamento e de desfecho adaptativo positivo junto aos trabalhadores que migraram para a capital sergipana, após aprovação em concurso público da EBSEH. O estudo, a partir da técnica de grupos focais, buscou compreender e mobilizar questões e problemáticas acerca da adaptação desses participantes, e consistiu em cinco encontros semanais, com participação de doze funcionários. Como resultados desta ação interventiva, pode-se destacar: a) o grupo de apoio demonstrou a necessidade de abordar também aspectos organizacionais pertinentes, e não somente aspectos individuais e sociais; b) a oportunidade de uma experiência de aprendizado acerca de uma condição desestabilizadora e estressora, como a situação de migração; c) a reflexão acerca de estratégias de enfrentamento para incremento de sucesso no processo de adaptação; d) a percepção de indicadores do acerto da intervenção no alcance de seus objetivos, por meio dos feedbacks dados pelos participantes, de seu engajamento na realização das atividades e da alta adesão à proposta.

**Palavras-chave:** migração; processo adaptativo; grupo de apoio.

### **Introdução**

A migração é dinâmica e complexa, e se apresenta de diversos modos e por variadas razões. Ela faz parte da história da humanidade, levando em conta que, desde os primórdios, o homem se desloca de um lugar para o outro. No entanto, o movimento migratório não se trata apenas de uma mudança de espaço físico, mas também de um espaço social, econômico, político e cultural. As transformações promovidas pela migração não se dão apenas nos lugares implicados, mas nas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 1 – Imigrações Internacionais Contemporâneas: Novas Abordagens Teóricas e Metodológicas e Novos Recortes Empíricos e Temáticos do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

<sup>2</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e-mail: leticiasantanasanpsi@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutora em Psicologia e Docente do Departamento de Psicologia/UFS, e-mail: marleymeloaraujo@gmail.com



pessoas envolvidas nesse processo, sejam os migrantes ou a sociedade como um todo: os primeiros, ao ter de se adaptar ao novo lugar, e a segunda, ao ter que estar preparada para recebê-los (CONTE, 2004).

A condição de migração e seus efeitos - fruto das mudanças ambientais, culturais, econômica e psicológica - podem ser configurados como um evento estressor que contribui para uma sobrecarga dos recursos pessoais do indivíduo, visto que o processo migratório está cercado de características que expõem o indivíduo a uma condição de desorganização interna e externa, o que pode desencadear uma série de impactos no seu organismo, seja de cunho físico ou psicológico (SEMEDO, 2016). Devido a isso, o processo migratório representa um desafio adaptativo que requer do sujeito a assimilação de habilidades e recursos para manejar as demandas colocadas por essa situação estressora.

Neste sentido, o que vai ser explanado neste trabalho está relacionado a uma vivência migratória motivada por concurso público, a qual acontece, geralmente, entre pessoas com ensino superior. Alguns empregos têm esse perfil migratório bastante manifesto, tais como os da área de Direito ou os dos professores universitários. No entanto, os atores desse estudo serão os profissionais da saúde. Vale ressaltar que, a flexibilização do trabalho (ARAÚJO; MORAIS, 2017) fez com que as pessoas fossem compelidas a flexibilizar suas amarras e é cabível imaginar que, no futuro, não exista mais a especificidade de certas profissões como fator determinante para um processo migratório.

A motivação para este trabalho é fruto de um levantamento diagnóstico sobre socialização organizacional de funcionários do Hospital Universitário de Sergipe, feito em 2018, e através do qual foi possível identificar uma demanda por suporte psicossocial para funcionários que, diante da aprovação no concurso da EBSEH destinado ao preenchimento de vagas no HU-UFS, precisaram se mudar de suas cidades de origem para fixar residência em Aracaju. Além de este quadro ter sido sinalizado pelo levantamento diagnóstico supracitado, alguns funcionários também estavam espontaneamente buscando a Divisão de Gestão de Pessoas (DIVGP) da instituição com este apelo.

Em virtude dessa realidade, a equipe de estágio em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe idealizou uma ação interventiva voltada para estes funcionários migrantes, o grupo de apoio psicossocial, com periodicidade semanal,



duração média de duas horas e participação voluntária. Neste grupo, seriam estimuladas reflexões acerca da condição de estar longe de casa, assim como propostas dinâmicas vinculadas a mecanismos de enfrentamento. Logo, este estudo – inserido numa perspectiva qualitativa - se propôs e realizou um processo de intervenção junto a trabalhadores migrantes do HU/UFS, a partir de grupos focais, e teve como objetivo geral estimular as estratégias de enfrentamento de desfecho adaptativo positivo desses funcionários frente à realidade de trabalhar e viver fora do domicílio de origem. Como questões norteadoras tivemos: a) Quais são as questões envolvidas no processo migratório desses migrantes e como elas influenciam no processo adaptativo dos mesmos? b) Quais as principais estratégias de enfrentamento utilizadas por eles? e c) Quais tipos de estratégias podem contribuir para um processo adaptativo de desfecho positivo nesse contexto?

Em tempos de fronteiras tão fluídas, a relação mútua entre migração e adaptação possibilita a compreensão da vivência migratória interna, um fenômeno atual, por parte do indivíduo e os impactos que a mesma pode ocasionar nele. Abordar esse tema através de um grupo de apoio dentro da realidade organizacional possibilita o aprofundamento no tema através dos depoimentos e experiências, como também pensar sobre as estratégias de enfrentamento diante desse processo, além de impactar e possibilitar um ambiente no qual os protagonistas desse cenário possam refletir sobre o evento no qual estão inseridos.

### **Migração e estratégias de enfrentamento**

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), em seu glossário sobre as migrações, define a migração como um processo no qual uma fronteira internacional ou divisa estadual são atravessados. Trata-se de qualquer fluxo populacional, que independe da sua amplitude, constituição ou motivações. Nesse quadro, estão inclusos os refugiados, o migrante deslocado que se refugia dentro do próprio país, as pessoas desenraizadas e os migrantes econômicos.

Para fins desse trabalho, será adotada a visão de Conte (2004) quanto ao fenômeno migratório. Segundo ela, a migração é permeada pelo tripé econômico, político e cultural (EPC), já que o processo migratório: a) tem como sua principal causa a questão financeira; b) é influenciado, em determinados momentos, pelo poder público e pelo capital, através de seus regimes e c) carrega consigo,



materializada nas pessoas, a cultura da região de partida das mesmas, sendo que estas também sofrem influências culturais do lugar de destino.

Trata-se de um fenômeno amplo que, conseqüentemente, pode ocorrer de diversas maneiras e existir em variados tipos, a exemplo de: migração assistida, migração clandestina, migração espontânea, migração forçada, migração internacional, migração laboral, migração qualificada, migração temporária, trecheiros e pardais, migração de retorno, migração interna.

A migração qualificada, conhecida também como “fuga de cérebros”, consiste no deslocamento de profissionais de alta qualificação (SANTOS, 2013). Quando esse deslocamento acontece de um Estado para outro, movido pela busca de um emprego, pode ser entendido como um caso de migração laboral (OIM, 2009). A migração interna, como o próprio nome já diz, se trata do deslocamento de indivíduos de uma determinada localidade do país de origem para outra dentro do mesmo país, ou seja, se trata de uma mudança regional (OIM, 2009), a qual, por sua vez, pode ensejar a migração de retorno. Este trabalho abordará o atravessamento entre esses três tipos de migração (interna, laboral e qualificada), a qual teve como fator impulsionador a aprovação em um concurso público.

O processo migratório constitui-se como um fenômeno de inúmeras facetas e apresenta uma variedade de impactos, tanto nas populações que recebem o migrante, quanto na população que o vê partindo. Da mesma forma, esses impactos costumam repercutir no migrante e podem se dar nos mais variados âmbitos e níveis, sendo a migração um evento estressante na vida de quem migra (PERDOMO, 2006). Por isso, o indivíduo receberá, neste trabalho, um enfoque quanto aos efeitos desse processo, visto que a repercussão desse fenômeno o atravessa de maneira a provocar alterações no seu contexto biopsicossocial (REIS; RAMOS, 2013).

Quando este indivíduo consegue manter a integridade cultural do grupo ao qual ele pertence e estabelecer uma relação positiva com a sociedade do local de destino, as mudanças decorrentes do processo migratório - que não se dão apenas no nível espacial, mas também ambiental, social, cultural, familiar, econômico, psicológico e político - podem ser experienciadas de maneira positiva. No entanto, quando o contrário ocorre e o indivíduo tem dificuldades nesse processo de adaptação e integração cultural, problemas relacionados a doenças físicas, ao



isolamento ou exclusão social, assim como questões de ordem identitária e psicológica tais como estresse, ansiedade, depressão e conflito, podem surgir e impactar não somente a saúde física e psíquica do migrante, mas também o seu bem-estar e qualidade de vida (RAMOS, 2009). A ansiedade e frustração diante do aprendizado de uma nova cultura e abandono de hábitos do local de origem podem resultar em alguns comportamentos impróprios, os quais podem ser fruto do estresse na aculturação (SEMEDO, 2016).

Assim, a adaptação depende de vários fatores relacionados à migração para se configurar, ou como um processo equilibrado, ou como algo de extrema dificuldade, sendo eles: a) o contexto e causas que resultaram no processo migratório; b) as habilidades individuais e coletivas de adaptação, sejam de caráter biológico, psicológico ou social; e c) também as circunstâncias anteriores na qual o indivíduo se encontrava no local de origem e o novo cenário encontrado no local de destino. Por isso, a adaptação vai depender do indivíduo e do grupo que vivencia a migração (REIS; RAMOS, 2013).

Para Perdomo (2006), a adaptação também difere a depender de circunstâncias que cercam a migração, pois apesar de todas as migrações produzirem algum tipo de desenraizamento e fragilidade nos sujeitos que vivenciam essa experiência, alguns recursos ou variáveis podem contribuir de maneira favorável para a adaptação, caso no local de destino haja familiares ou amigos, a mesma língua, a obtenção de emprego com facilidade e também poucas diferenças culturais em relação ao lugar de origem, o que torna o processo de adaptação menos difícil.

Em síntese, o processo migratório e seus efeitos podem se caracterizar como um evento estressor que contribui para uma sobrecarga dos recursos pessoais do indivíduo, tendo em vista que a condição de migração está atrelada a fatores que expõem o indivíduo a uma condição de desorganização interna e externa, o que pode resultar em uma série de impactos no seu organismo, sejam de cunho físico ou psicológico (SEMEDO, 2016). Por tais motivos, o processo migratório representa um desafio adaptativo que exige do sujeito a assimilação de habilidades e recursos para gerir as demandas colocadas pelas situações estressoras, fruto de um cenário migratório.



O estresse psicológico é definido por Lazarus e Folkman (1984) como uma reação que, na relação entre indivíduo e ambiente, ultrapassa os recursos pessoais do primeiro, o que põe em risco o seu bem-estar (PANZINI; BANDEIRA, 2007). É natural, benéfico e necessário que, frente às demandas do ambiente, o indivíduo mobilize seus recursos, ou seja, que o estresse esteja presente. Isso significa que este fenômeno por si só não caracteriza o adoecimento ou o desfecho negativo à saúde. No entanto, quando diante de exigências excessivas, essa mobilização para enfrentar um evento estressor pode se transformar numa fonte de distúrbios e prejudicar o organismo (PAIVA, 1998). Nesse sentido, o estresse compõe um processo que suscita a adaptação do organismo frente a uma situação que impacte a noção de bem-estar/estabilidade do indivíduo (CALAIS; ANDRADE; LIPP, 2003).

Existem fontes internas e externas de estresse. A primeira diz respeito ao modo de ser do sujeito, seus traços de personalidade e seu padrão de reação ao longo dos acontecimentos de sua vida. O estresse não necessariamente é ocasionado pela situação pura e simples, mas pelo modo como o sujeito a interpreta. A segunda consiste nas obrigações cotidianas e do ambiente do indivíduo, tais como questões familiares, econômicas, sociais, violência, perdas, etc. (LIPP, 1984 apud LIPP; TANGANELLI, 2002).

As fontes de estresse envolvidas na vivência migratória são ocasionadas por diversas situações as quais o migrante está vulnerável, sejam elas o preconceito, a perda de laços, o choque cultural e ambiental, o luto, os esforços para se adaptar ao local de destino, o isolamento social, desenraizamento, entre outros. A decisão de migrar implica em transformações que pedem do sujeito a habilidade de se colocar diante da mudança, diante das novas relações culturais originadas dela, gerindo-as e se reconstruindo e incorporando elementos do novo local. Também pede dele a habilidade de gerir os sentimentos de abandono, angústia e perda despertados pelo rompimento (RAMOS, 2006).

O que indica se haverá o aparecimento de sintomas de estresse é a habilidade do organismo em atender às demandas que determinada situação exige, sendo estas de caráter positivo ou negativo. Outro fator que também influencia é o modo como a pessoa lida com o evento estressor, ou seja, suas estratégias de enfrentamento, ou *coping*, contidas no acervo do indivíduo (LIPP; TANGANELLI, 2002). No caso da migração, fica perceptível como esse enfrentamento se torna





mais complexo diante da ausência de recursos e da vulnerabilidade na qual alguns perfis de migrantes se encontram, estando o tipo e o contexto no qual se dá a migração associados à condição estressora do indivíduo.

No modelo interativo do estresse, o enfrentamento, ou *coping*, consiste numa série de estratégias despendidas pelo indivíduo a fim de se adaptar a situações estressantes (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998). Adotando a proposta clássica de Lazarus e Folkman (1984), o enfrentamento se dá, portanto, quando, diante de um cenário de estresse – percebido como uma sobrecarga ou como algo que ultrapassa os recursos pessoais do indivíduo – são produzidas demandas características, internas ou externas, as quais acarretam numa série de esforços intencionais, de caráter comportamental e cognitivo, por parte do indivíduo, com o intuito de administrá-las (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO, BANDEIRA, 1998; PINHEIRO; TROCCOLI; TAMAYO, 2003). Segundo esses teóricos, o enfrentamento é, então, marcado por variáveis pessoais, demandas ambientais/situacionais e recursos presentes (LAZARUS; FOLKMAN, 1984).

Na perspectiva clássica de Lazarus e Folkman (1984) acerca do estresse e *coping*, o enfrentamento se caracteriza como tal, independentemente se a tentativa do indivíduo de gerir o estressor foi bem sucedida ou não, isto é, o enfrentamento não é definido pelo seu resultado. Dito isto, nenhuma estratégia tem um rótulo de adequada ou não. A natureza do estresse, os recursos de enfrentamento disponíveis e o resultado do esforço de *coping* empreendido devem ser considerados na avaliação de maior ou menor efetividade da estratégia utilizada (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO, BANDEIRA, 1998).

O cenário migratório, o qual consiste em diversos níveis de mudança, expõe o indivíduo a uma condição de vulnerabilidade devido a diversos fatores, tais como a perda do contato cotidiano com a família, perda de amigos, a perda de identidade, o isolamento, o luto cultural (SEMEDO, 2016). Como já visto, o processo adaptativo nesse contexto nem sempre é fácil por diversas razões, as quais podem afetar esferas da vida do indivíduo e impactar tanto sua saúde física, quanto mental (RAMOS, 2008 apud SEMEDO, 2016). Assim, a depender das vivências e obstáculos desse novo cenário do migrante e da percepção que ele tem acerca de sua nova realidade, ele pode, visando uma defesa ou adaptação, colocar em prática



algumas estratégias de enfrentamento com o intuito de aliviar ou modificar essa situação (SEMEDO, 2016).

A migração e sua multiplicidade de contextos produzem as mais variadas formas de vivência e, conseqüentemente, os mais diversos tipos de impacto no indivíduo e na sua subjetividade. Seus efeitos são sentidos de uma maneira diferente, a depender dos recursos e fatores de proteção/risco aos quais o sujeito estará exposto, além do seu histórico de vida. As estratégias adotadas vão depender do impacto individual e de como esse processo é percebido pelo sujeito, além de fatores contextuais concernentes a cada perfil de fluxo migratório. Embora seja possível notar semelhanças nos efeitos, vivências e percepções acerca do processo migratório, não há como haver uma generalização, vide a grande variedade e motivações envolvidas no processo migratório. A seguir, será explorada a vivência com um grupo de apoio psicossocial com funcionários na condição de migração interna, impulsionados a trabalhar numa instituição hospitalar por conta de um concurso público.

### **Procedimentos Metodológicos**

O presente estudo se inscreve numa perspectiva qualitativa, que se propôs e realizou um processo de intervenção, junto a trabalhadores imigrantes do HU/UFS, a partir da técnica de grupos focais. Grupo focal pode ser entendido como uma ferramenta de coleta de dados que tem as relações grupais e tudo o que surge a partir delas como principal matriz de informação, sendo formado a partir de um conjunto de integrantes agrupados com o intuito de dialogar, discutir, opinar – e demais efeitos que possam ser despertados com o encontro - acerca de uma temática específica (BIEHL; PRESTES; GRISCI, 2018).

Foi constituído um grupo de apoio psicossocial dirigido a funcionários do Hospital Universitário de Sergipe (HU-UFS), advindos de outras cidades do país e que passaram a residir na cidade de Aracaju por conta da aprovação deles em concurso público. Por meio da intervenção, buscou-se compreender questões e problemáticas acerca da adaptação desses participantes, assim como conhecer e elaborar, conjuntamente, estratégias de enfrentamento para que os funcionários pudessem lidar com a distância de familiares e possibilitar a integração e troca de experiências entre eles.





A intervenção colocada em andamento no grupo de apoio psicossocial consistiu em cinco encontros, os quais foram construídos e mediados por duas estagiárias de Psicologia da UFS, com o auxílio da psicóloga organizacional e do trabalho do hospital e da enfermeira do trabalho. Inscreveram-se quatorze participantes e doze estiveram presentes durante os encontros. Vale ressaltar que o apoio da instituição foi bastante importante em relação à questão do tempo, visto que os encontros puderam ser feitos no horário de serviço deles, graças à autorização dada pelas chefias para liberá-los do trabalho com vistas a participarem do grupo.

Foi feito um projeto de intervenção, o qual era corrigido e reformulado à medida que acontecia cada encontro, conforme as impressões e discussões que surgiam nele e também nas reuniões com a professora supervisora de estágio, com a psicóloga organizacional e com a enfermeira do trabalho. Cada encontro tinha um objetivo específico, conforme nos eram apresentadas as demandas e questões dos funcionários, todos com o tema da adaptação como plano de fundo. As sessões foram roteirizadas da seguinte maneira:

### **1) Primeiro encontro: “Como é viver fora de casa?”**

Objetivos: Apresentação dos componentes do grupo e da percepção de cada um sobre o seu novo e antigo local de residência, através de uma atividade de quebra-gelo; conhecer a realidade de cada participante, o que ele deixou em sua cidade, como está desde que chegou a Aracaju, entre outras questões.

O intuito do dia consistiu em entender qual a percepção de cada um sobre seu contexto migratório e quais as principais questões envolvidas nesse processo, além de fazer um mapeamento inicial das principais estratégias de enfrentamento utilizadas por eles.

### **2) Segundo encontro: Refletir com espelhos**

Objetivos: Colher a realidade dos participantes e poder proporcionar reflexões sobre o momento em que fizeram a inscrição no concurso e o momento em que foram chamados: o que mudou na vida deles, se suas expectativas eram realistas ou não, e se foram atendidas ou frustradas.



Este dia visava compreender as motivações para o processo migratório, os ganhos e perdas envolvidos nele e se aprofundar nas estratégias de enfrentamento utilizadas pelos participantes.

### **3) Terceiro encontro: Habilidades Sociais ou Zona de Conforto?**

Objetivos: Treinar uma das estratégias de enfrentamento, desmistificar a figura do sergipano “fechado” e torná-los mais ativos no processo de adaptação, através da saída da zona de conforto com a apresentação e prática de uma habilidade social.

A intenção das atividades desse dia não consistiu na aplicação de uma estratégia de enfrentamento universal para todos, mas sim, num passo inicial para que eles se enxergassem como sujeitos ativos nesse processo adaptativo.

### **4) Quarto encontro: Bloco dos Guerreiros**

Objetivos: Explorar o primeiro passo na interação com o outro e o processo de ser proativo, através da retomada da atividade de casa sobre o contato com o outro e o relato dessas experiências.

### **5) Quinto encontro: Encontro Final**

Objetivos: Promover a reflexão quanto à necessidade de saber dosar as decisões na vida, poder se permitir escolher coisas novas e aproveitar o que elas podem proporcionar, através da exibição de um filme focado nessa temática; estimular a reflexão quanto à necessidade de se permitir errar, de que o erro faz parte do processo de tomar iniciativa e isso não é necessariamente negativo, por meio de um jogo de improviso que tem como foco olhar para o erro de um jeito mais leve; proporcionar visões acerca do processo que cada um vivencia em sua vida e no quanto cada obstáculo pode ser aproveitado para produzir aprendizado.

A análise dos dados foi feita pautada na técnica do registro seletivo e interpretativo no diário de campo - cujas anotações, segundo Richardson (s.d.), podem ser utilizadas como dados - das estagiárias moderadoras, que versava acerca do que acontecia em cada encontro do grupo de apoio. Todo o material produzido na interação do grupo de apoio foi debatido e interpretado em reuniões entre as estagiárias, a psicóloga organizacional e a enfermeira do trabalho do hospital, assim como entre as estagiárias e a supervisora de estágio. Semanalmente, de acordo com a frequência do grupo, nos reunimos para



compartilhar impressões e reflexões, a fim de interpretar o que foi colhido no dia e também planejar, em conjunto, os próximos passos do grupo.

## **Resultados e Discussão**

Já no contato inicial com o grupo, o que mais chamou atenção foi a visão dos participantes acerca do perfil do sergipano, o qual, para eles, era extremamente fechado e introvertido. Tal compreensão não havia sido antecipada na elaboração do grupo, mas ficou evidente como essa era uma questão incômoda para a maioria dos integrantes do grupo, os quais alegavam ser difícil construir relações sociais em Aracaju. Para eles, os problemas de adaptação local deviam-se, grandemente, ao perfil antissocial do sergipano.

A saudade da família e o fato de não conseguirem vê-la com frequência também se mostrou como um ponto de sofrimento para esses participantes e apareceu em todos os encontros. Essa questão estava diretamente ligada a uma insatisfação com as escalas de trabalho, as quais não permitiam que eles recorressem à estratégia de visitar os parentes para diminuir essa resposta emocional ao estresse causado pela distância e, por isso, existia um sentimento de injustiça quanto ao modo como isso era feito institucionalmente.

O que também remete a uma insatisfação com a maneira de a instituição gerir os processos de permuta. A permuta será retratada, neste estudo, enquanto condição de retorno e foi o tema mais recorrente nos encontros e o maior ponto de atenção quanto à vivência migratória desses indivíduos, visto que, ao mesmo tempo em que ela era a esperança desses funcionários de estarem novamente com a família, ela também era um fator cuja existência alimentava nos integrantes o “viver como estudante”, como alguém que está de passagem em Aracaju.

Logo, foi possível perceber um grupo bem negativo em relação ao fato de estar em Aracaju. As dinâmicas executadas nos trouxeram alguns aspectos de como era viver fora de casa para esse grupo: sentir saudades da família e, além disso, ter que lidar com um ambiente insatisfatório de trabalho, assim como com a pouca receptividade dos moradores da cidade. Tais aspectos podem ser encarados como fatores estressores desse processo de adaptação. De acordo com Ramos (2006), o processo migratório exige do sujeito uma capacidade de lidar com mudanças fruto do deslocamento, seja o sentimento de abandono ou o imperativo de “compreender”



a nova cidade. A falta dessa habilidade diante de conflitos, da complexidade em administrar dois mundos diferentes ou da dificuldade em atender exigências do novo ambiente, principalmente quando este é hostil, desorganiza o sujeito e pode causar dificuldade na adaptação, distúrbios de teor psicopatológico e estresse de aculturação (RAMOS, 2006).

Nesse sentido, também foi possível notar algumas estratégias de enfrentamento sendo utilizadas pelos participantes, a saber: a busca por restaurar a convivência familiar perdida e todo o investimento em sociabilidade direcionado a esse grupo social primário e à ideia acalentada de retorno. No entanto, essas estratégias não conseguiam ser uma ferramenta resolutiva, visto que eram dificultadas por algumas práticas e procedimentos organizacionais do HU-UFS, obstaculizando até mesmo o cultivo da ideia de retorno, e dificultando o processo adaptativo em Aracaju.

Essa ideia de retorno foi recorrente no grupo e apareceu quando, ao analisarem a experiência do outro, os participantes chegaram à conclusão de que muitos já foram para Aracaju com a expectativa prévia da permuta, ou seja, eles já fizeram o concurso pensando na possibilidade de desfazer o resultado de sua iniciativa de concorrer para um emprego fora da sua cidade natal, e não necessariamente pensando na adaptação à nova cidade. Tal situação se assemelha ao estudo de Vianna (1998), o qual retratou que o desejo de retorno estava presente desde a saída da cidade de origem dos migrantes entrevistados, os quais planejaram previamente seu tempo de estadia na cidade destino, antes mesmo de conhecê-la, submetendo a decisão migratória a essa condição. Aqui aparece a ideia de retorno trazida em Lopes (2016), de que a condição de retorno é um fato encorajador para a mudança, pois a possibilidade de regresso à cidade de origem e ao contexto de vida anterior dá sustento à decisão de deslocar-se e funciona como suporte em momentos adversos.

Vianna (1998), através das narrativas colhidas no seu trabalho sobre essa condição de “provisório – permanente” do migrante, traz que o desejo de retorno pode ser potencializado pelo contexto sociocultural e econômico da cidade de destino, ou até mesmo promovido por ela. Nesse sentido, as dificuldades encontradas em Aracaju, seja o ambiente insatisfatório de trabalho ou a representação da figura do “sergipano fechado” trazida por eles, se tornam fatores



negativos para o processo adaptativo e que ampliam o desejo de retorno, já existente desde a saída da cidade de origem. A condição de retorno ainda é alimentada pelas práticas administrativas da organização, através da possibilidade de permuta, constantemente alimentada, seja através de processos internos, externos, contatos com interessados em permutar.

Já a partir do primeiro encontro, chegamos à conclusão de que o grupo trouxe demandas de diferentes ordens. Uma dizia respeito ao aspecto individual de cada participante e se referia ao seu contexto de adaptação numa nova cidade, longe da família e com dificuldade de criar novos laços; e outra dizia respeito a um aspecto mais organizacional e ao impacto de um ambiente de trabalho hostil na adaptação desses indivíduos, assim como insatisfações deles quanto ao modo como a organização se posiciona frente a determinadas situações.

A questão das escalas e das instâncias burocráticas acerca da permuta, por exemplo, puderam ser percebidas como fatores que os tornavam mais vulneráveis nesse processo adaptativo. No entanto, atuar sobre essas questões, além de não estar ao alcance do grupo de apoio, não possibilitaria pensar maneiras de se adaptar à cidade e, conseqüentemente, à migração. A ideia era explorar e mostrar que existem estratégias adaptativas, mas cada um lidaria de maneira diferente com isso, de acordo com seu repertório, recurso e trajetória de vida.

Dado isso, percebemos a existência de duas frentes de trabalho a serem desenvolvidas separadamente, para melhor operacionalização do grupo: a individual e a organizacional. Nesse sentido, optamos por começar pela primeira por se tratar de algo que estava mais ao alcance desse trabalho. No entanto, o foco na primeira não fez com que a segunda frente de trabalho saísse de foco, ainda que inicialmente. Por mais que nos primeiros dias eles tenham avançado muito na compreensão de suas questões em nível individual e terem sido mobilizados, dentro do alcance da nossa proposta, na esfera pessoal, a fim de se fortalecerem para esse novo momento de vida; e por mais que as dinâmicas seguissem um teor compatível com seus objetivos, ao final elas ganhavam uma tônica de insatisfação com aspectos do trabalho, na medida em que alguns participantes voltavam a trazer demandas de caráter organizacional ao falarem das escalas e também de práticas institucionais voltadas à gestão de pessoas.



Contudo, essa característica do grupo sofreu modificações e, ao longo dos encontros foi possível obter as reflexões objetivadas pelas dinâmicas do dia, diferentemente dos primeiros encontros, nos quais eles passavam a maior parte do tempo desabafando sobre a família ou ambiente de trabalho.

A execução desse grupo contou com o fator dos festejos carnavalescos e, por isso, algumas atividades passadas coincidiram com o feriado de Carnaval, o que permitiu aos participantes explorarem lugares e oportunidades oferecidos pela cidade. Dessa forma, na altura do quarto encontro, já era possível perceber tanto uma desconstrução da figura do sergipano introspectivo, assim como quanto a eles darem o primeiro passo na interação social, visto que todos relataram a atividade recomendada para “tarefa de casa” – que consistia em puxar assunto com um desconhecido - como uma boa experiência. O que mais chamou atenção nesse dia foi o fato de não ser preciso terminar o encontro com o texto de reflexão que havia sido preparado, pois eles mesmos levantaram reflexões que chegaram à mensagem do dia, que dizia respeito ao papel ativo de cada um e à importância da saída deles da zona de conforto.

No encontro final, uma participante iniciou sua fala com o tema da continuidade do grupo, pois, para ela, ele fluiu de maneira muito rápida. Outros concordaram e acrescentaram que tinham preconceito com grupos desse perfil de apoio, pois acreditavam que o intuito destes grupos psicológicos era apenas “*chorar e ter conversa fiada*”. Eles também tinham uma expectativa inicial de que o grupo iria resolver questões objetivas, ao trazer soluções e respostas prontas para a dificuldade que eles estavam passando. No entanto, eles se deram conta de que não seria exatamente assim, mas ainda consideraram uma experiência positiva para eles.

Os mesmos ainda trouxeram o grupo como um ambiente que os tirava da zona de conforto e que fez com que eles ficassem ansiosos pelos encontros, por ser um ambiente no qual eles gostavam de estar. Assim, ficam nítidas as reflexões acerca da utilidade de um acompanhamento psicossocial e também uma desmistificação de preconceitos quanto a esse tipo de acompanhamento. Nesse processo, houve também a desconstrução de crenças e expectativas quanto à finalidade e objetivos do grupo de apoio psicossocial, já que o mesmo não era “*para facilitar a transferência*” e concretizar a migração de retorno.





Um ponto interessante dos últimos encontros foi que, diferentemente do primeiro - no qual eles somente conseguiam focar na permuta e em vários defeitos da organização de trabalho-, eles trataram da permuta/transferência não como algo imprescindível e extremamente almejado, mas como algo que poderia acontecer, mas *“até lá, eu tenho que viver”*. Logo, a partir de vários discursos, uma ideia coletiva foi despontando, divergente da inicial, acerca de que viver em função da transferência (expectativa de retorno) não era um bom caminho, já que esta podia não acontecer. Foi possível perceber, então, não mais uma ilusão de retorno, mas o início de um processo de conscientização quanto às reais chances de uma transferência, a partir da análise mais objetiva da parte deles sobre os critérios a preencher para conseguir efetivamente realizar a permuta ou transferência.

Mais à frente, surgiu a reflexão sobre como a expectativa da transferência permeia o modo deles viverem em Aracaju. Essa análise iniciou com o relato de que *“eu vivo aqui como um estudante”*, surgido de uma das integrantes, que logo encontrou depoimentos semelhantes ao seu, ao relatar que vivia tal qual um estudante que vem de fora, o qual não se estabelece, nem se fixa na cidade, pois está de passagem, com a validade da sua estadia determinada de acordo com o final do curso educacional. Essa descrição da condição de estudante se assemelha às comparações de Vianna (1998), que relata que os migrantes que vivem na condição de retorno, passam a atuar como turistas, ao evitarem criar vínculos com a cidade de destino.

A partir dos materiais trazidos no quinto encontro, surgiu espontaneamente, por parte dos participantes, um movimento de análise de estratégias, pelo qual eles passaram a refletir sobre a postura de uma colega de Brasília - que já havia vivido na condição de estudante, mas que decidiu mobiliar a casa dela em Aracaju com o intuito de fazer da cidade um lar - e também passaram a ter um olhar crítico sobre estratégias de outros colegas – como, por exemplo, a de um amigo que havia decidido nem comprar roupa de academia, já que, com certeza, retornaria para sua cidade natal. E a partir disso, eles passaram a fazer um julgamento das posturas que poderiam ajudar ou atrapalhar a experiência na cidade, sendo a da colega de Brasília vista como adaptativa, ao contrário da do colega resistente a começar a atividade física, vista como algo desproporcional/exagerado.



Foi perceptível também o comparecimento de discursos que se encaminharam para a alternativa de usar estratégias de adaptação, tais como as de alugar uma casa ou mobiliá-la. Essas estratégias não foram previstas por nós, por total desconhecimento de que eles estavam vivendo dentro de uma lógica de transitoriedade, o que nos surpreendeu. Ficou nítida a discrepância de discurso desse encontro para o primeiro, onde neste último eles trouxeram bem forte o relato de que eles teriam de viver o “aqui”, pois a vida “está passando” e eles estão na espera de algo que pode nem acontecer. A partir de então, foi notável que eles pararam de trazer conteúdos queixosos de teor organizacional e começaram a relativizar, espontaneamente, os pontos positivos de viver longe de casa.

Enquanto no primeiro dia havia muito conteúdo negativo acerca da experiência de morar fora de casa e na cidade de Aracaju, no último encontro, eles conseguiram trazer uma visão positiva da experiência, sem que isso fosse induzido por nós. Vale ressaltar que, no planejamento dos encontros, em seu primeiro esboço, foi pensado um momento para construir estratégias objetivas de enfrentamento, as quais são recursos válidos e úteis. No entanto, cabe aqui a reflexão de que as mensagens/conversas trabalhadas ao longo dos encontros foram necessárias, pois trazer estratégias mais objetivas sem esse trabalho anterior de reconhecimento e autoconhecimento, talvez resultasse - e aqui está sendo feita uma suposição - numa rejeição por parte dos participantes. Não fossem as reflexões sobre se permitir e ser mais ativo e corresponsável nesse processo de adaptação, as reflexões sobre os erros (tentar uma estratégia, mas se ela não der certo, tudo bem) e, na verdade, a própria concepção de se adaptar na cidade, ao invés de sair dela, não seria possível aplicar ações mais objetivas de adaptação, pois o adaptar-se não era visto como uma opção. Essa experiência oportunizou a problematização do planejamento de ações que tinha se pensado em executar e uma maior clareza sobre as etapas desse processo de aprendizado mútuo, o qual não pode prescindir da reflexão para a construção do autoconhecimento e operacionalização de ações.

Logo, o percurso desse grupo de apoio psicossocial pode ser uma experiência precursora para um futuro grupo, com foco em estratégias mais objetivas. A questão da família era bastante forte e, por isso, enveredar pela compreensão de tornar Aracaju o lar deles fosse o mais necessário. Não para que eles parassem de sentir falta da família, já que isso faz parte do processo, mas para que a experiência de



trabalho e de vivência deles na cidade, sendo positiva, compensasse esse distanciamento e tornasse esse processo de trabalhar e morar fora, uma vivência saudável e prazerosa.

### **Considerações Finais**

A adaptação a um determinado local de destino depende de alguns fatores, entre eles: o conjunto de características do sujeito, o perfil da migração, os fatores de proteção e de risco presentes ou recursos disponíveis, as causas para o evento migratório e o que é encontrado no local de destino. Este estudo buscou conhecer a vivência migratória e os processos adaptativos de trabalhadores que se encontravam em Aracaju devido à aprovação em concurso público para um cargo no hospital universitário do estado. Para o alcance desta pretensão, foi criado um grupo de apoio psicossocial com funcionários migrantes que tivessem interesse em participar do grupo. Este grupo buscava entender como estava sendo, para eles, a experiência de viver fora de casa, entender quais eram as principais questões e pontos de sofrimento acerca dessa vivência, além de tomar conhecimento de que estratégias de enfrentamento estavam sendo utilizadas por eles, para que, mais tarde, fossem construídas outras em conjunto, a fim de uma maior adaptação a mudanças.

Como principais resultados, pudemos perceber que: a) as principais questões envolvidas no processo migratório diziam respeito à saudade da família, à figura do “sergipano fechado” e às dificuldades impostas pelo ambiente de trabalho; b) as estratégias de enfrentamento que mais prevaleceram entre eles estavam relacionadas às tentativas de visita aos familiares e ao empenho na “condição de retorno” e, c) ao final, os próprios participantes concluíram que as estratégias mais assertivas para uma melhor vivência em Aracaju estavam relacionadas ao “abandono” parcial da condição de retorno e, conseqüentemente, ao ato de construir um “espaço seu”, “um lar” em Aracaju. Nesse sentido, enxergar os ganhos que eles obtiveram com o processo migratório, após a quebra de algumas barreiras, facilitou esse processo.



Embora esse seja um material rico de experiências e relatos, ele não pode ser generalizado, devido ao caráter particular do grupo. Trata-se de uma visão mais aprofundada, porém restrita desse processo. O pedido por mais encontros e o fato de não haver um encontro específico para construir estratégias chama atenção para a curta duração do grupo. Ainda assim, comparecem como pontos fortes deste estudo-intervenção a própria manifestação dos participantes pleiteando mais encontros, um *feedback* positivo. Foi possível observar também uma alta adesão à ação, visto que começamos com doze participantes e, no último encontro, estiveram presentes todos eles.

Alguns pontos observados instigam novos estudos, como, por exemplo, o ambiente insatisfatório de trabalho como dificultador do processo adaptativo. A percepção que migrantes têm acerca dos moradores locais e vice-versa, também poderia ser investigada em outras realidades, a fim de compreender as diferenças regionais e culturais entre regiões e entender como se dá a construção de estereótipos.

A principal contribuição deste estudo diz respeito ao fato de que o teor dos encontros foi orientado pela compreensão de que a migração, seus processos adaptativos e suas consequências podem ser abordados, em caráter interventivo, focando a condução do trabalho numa perspectiva individual, de fortalecimento dos recursos de enfrentamento do indivíduo, ou numa perspectiva organizacional de tratamento das dificuldades de integração vividas no ambiente de trabalho. Ressalte-se, também, a oportunidade de contato social aos participantes, promovida pela situação de grupo, e (quem sabe) o exercício do estabelecimento de vínculos.

Por fim, esse estudo pode fornecer informações importantes sobre a vivência de trabalhadores qualificados que migram por força de concurso público. Num cenário mundial no qual as linhas de fronteira estão cada vez mais frágeis e onde muitos se deslocam por conta de trabalho, pode se tornar cada vez mais comum essa realidade nas instituições, para além dos trabalhos que, por sua própria natureza, já guardavam esse perfil migratório. Ao conhecer melhor a realidade dessas pessoas, profissionais de diversas áreas podem contribuir com um olhar mais compreensivo para as especificidades de quem se encontra nessa situação, oferecendo um suporte mais efetivo.



## REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Sul, v. 03, n. 02, p. 287-312, 1998.
- ARAÚJO, M. R. M.; MORAIS, K. R. S. Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 01, p. 1-13, 2017.
- BIEHL, C.; PRESTES, V. A.; GRISCI, C. L.I. Grupo focal: uma contribuição à área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 7., 2018, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Biblioteca Central da UFRGS, 2018. 3 v. p. 352-361
- CALAIS, S. L.; ANDRADE, L. M. B.; LIPP, M. E. N. Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de estresse em adultos jovens. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2 p. 257-263, 2003.
- CALAIS, S. L.; ANDRADE, L. M. B.; LIPP, M. E. N. Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de estresse em adultos jovens. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2 p. 257-263, 2003.
- CONTE, F. Migrações - O homem em busca do lugar ideal. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 06, n. 01, p. 305-317, 2004.
- LAZARUS, R.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer. 1984.
- LIPP, M. E. N.; TANGANELLI, M. S. Stress e Qualidade de Vida em Magistrados da Justiça do Trabalho: Diferenças entre Homens e Mulheres. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 537-548, 2012.
- LOPES, A. C. M. **Famílias migrantes em Brasília: um estudo sobre os aspectos conjugais, familiares e sociais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, 2016.
- OIM. **Direito internacional da migração**: glossário sobre migração 22. ed. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2009.
- PAIVA, G. J. AIDS, Psicologia e religião: o estado da questão na literatura psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 027-034, 1998.
- PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Rev. Psiq. Clín**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 126-135, 2007.
- PERDOMO, R. P. Os efeitos da migração. **Ethos gubernamental**, Porto Rico, n.3, p. 2006.
- PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLI, B. T.; TAMAYO, M. R. Mensuração de Coping no Ambiente Ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 153-158, 2003.
- RAMOS, N. Migração, Aculturação, Stresse e Saúde. Perspectivas de Investigação e de Intervenção. **Psychologica**, Lisboa, n. 41, p. 329-350, 2006.
- RAMOS, N. Saúde, migração e direitos humanos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 01-11, 2009.



REIS, L; RAMOS, N. (2013). Migração e Saúde de Brasileiros residentes em Lisboa. **Ambivalências**. v. 01, n. 02. p. 29-53, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Como fazer pesquisa-ação?**. [s.d]. Disponível em: [https://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson\\_como\\_fazer\\_pesquisa\\_acao.pdf](https://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson_como_fazer_pesquisa_acao.pdf). Acesso em: 07 fev. 2019

SANTOS, W. B dos. Ensaio sobre Migração Interna de Pessoas com Alta Instrução No Brasil. Dissertação (Mestrado em Economia) - Programa de pós-graduação em Economia da UFPB, João Pessoa, 2013.

SEMEDO, M. M. F. **Depressão, estratégias de coping e resiliência: estudo transcultural com imigrantes cabo-verdianos e brasileiros**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Escola de Psicologia e Ciência da Vida, Lisboa, 2016.

VIANNA, E. C. **A migração em um novo contexto sociocultural: - o provisório-permanente**. Dissertação. (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998.